



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Trabalho, Questão Social e Serviço Social

Sub-eixo: Divisão sociosexual e racial do trabalho

QUESTÃO SOCIAL NO BRASIL: DETERMINAÇÕES HISTÓRICAS E PARTICULARIDADES

LORRAINE MARIE FARIAS DE ARAUJO ¹

RESUMO

O objetivo deste ensaio consiste em elucidar as determinações históricas da “questão social” com ênfase na particularidade brasileira. Mediante o método marxiano e a tradição marxista, evidencia-se que a classe trabalhadora brasileira tem cor e gênero e sofre as consequências da acumulação de capital e da extração de mais-valor no modo de produção capitalista.

Palavras-chave: “Questão Social”. Questão Racial. Particularidade brasileira. Marxismo.

ABSTRACT

The aim of this essay is to elucidate the historical determinants of the "social question", with an emphasis on the Brazilian particularity. Using the Marxian method and the Marxist tradition, it becomes clear that the Brazilian working class has color and gender and suffers the consequences of the accumulation of capital and the extraction of surplus value in the capitalist mode of production.

Keywords: "Social Question". Racial Question. Brazilian particularity. Marxism.

1 INTRODUÇÃO

“Quem inventou a fome são os que comem”

(Carolina Maria de Jesus, 1960)

A escritora brasileira Carolina Maria de Jesus sintetiza, no excerto de sua obra *Quarto de despejo – Diário de uma favelada*, o antagonismo nodal entre burguesia e

¹ Universidade Federal de Alagoas



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

proletariado: a invenção da fome é realizada por aqueles que comem, pelos que se fartam de comida, enquanto obrigam a classe trabalhadora a padecer na inanição. Tal síntese desvela a realidade brasileira, visto que a autora descreve sua vida como uma mulher negra e favelada, sob as mais diversas expressões da “questão social”. Esta será o objeto de pesquisa de nosso ensaio.

O surgimento da “questão social” é pautado por multicausalidades, isso significa que é determinado historicamente por influências econômicas, políticas, sociais, culturais, etc. Origina-se junto ao modo de produção capitalista, este produz a contradição essencial entre capital e trabalho. Por isso, a “questão social” é formada por uma série de expressões, tal como fome, desemprego, miséria, violência, racismo estrutural, entre outras consequências. Estas se complexificam, na medida em que a sociedade capitalista se desenvolve. Além disso, por se consubstanciar de maneira multicausal, a “questão social” possui particularidades em cada sociedade.

Aqui, elucidaremos sucintamente as determinações históricas da gênese da “questão social” mediante a análise marxiana e marxista. Considera-se a aproximação do Serviço Social ao marxismo como nodal para a elucidação da “questão social”, em que a obra magna de Karl Marx, *O Capital*, demonstra sua anatomia, mesmo sem a recorrência direta ao termo. No Brasil, a aproximação do Serviço Social à tradição marxista ocorreu através da renovação crítica da profissão, especialmente a partir da intenção de ruptura com o conservadorismo profissional (Netto, 2005).

Na quadra histórica dos anos 80, surge a obra que demarca o amadurecimento da aproximação do Serviço Social ao marxismo, intitulada *Relações Sociais e Serviço Social no Brasil*. Marilda Vilela Iamamoto e Raul de Carvalho situam o Serviço Social nas relações sociais capitalistas, mediante a perspectiva exógena da profissão. Ressalta-se, assim, que o Serviço Social não pode ser entendido por si mesmo, mas como uma profissão que surge para cumprir determinada função social na sociabilidade burguesa (Montaño, 2011). Ademais, tal profissão tem como matéria-prima e base de fundação a “questão social”, bem como possui como objetos de trabalho, as suas expressões. O assistente social atuará mediante as políticas sociais nas mazelas produzidas e reproduzidas pelo capitalismo.

No marco da ruptura com o conservadorismo, o Serviço Social se aproxima gradativamente do marxismo e consegue alçar a investigação da teoria crítica da sociabilidade burguesa. Tal constatação pode ser observada através dos atuais documentos norteadores da profissão: o “tripé” legislativo que impulsionou o Projeto Ético-Político se consubstancia na



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

“reformulação e aprovação do Código de Ética de 1993, a aprovação da Lei de Regulamentação em vigor e a formulação das Diretrizes Curriculares”(Santos, 2018, p.154). Aqui, a “questão social” é tratada como eixo nodal da formação em Serviço Social.

Diante disso, o objetivo deste ensaio consiste em elucidar as determinações históricas da “questão social” com ênfase na particularidade brasileira. Para tanto, além deste item introdutório, sumariamos o texto nos seguintes itens: 2 *A gênese histórica da “questão social”*; 3 *Particularidades da “questão social” no Brasil*; 4 *Considerações finais*. Assim, pretende-se contribuir para o aprofundamento sobre tal debate, visto que vivemos sob a intensificação das expressões da “questão social” no Brasil. Em nosso ensaio, portanto, se sintetizam apontamentos preambulares, a serem posteriormente investigados mais acuradamente, levando em consideração a amplitude do objeto de pesquisa investigado.

2 A GÊNESE HISTÓRICA DA “QUESTÃO SOCIAL”

A origem econômica da “questão social” é situada como consequência da *lei geral da acumulação capitalista* (Marx, 2017). A acumulação é exigência primordial ao funcionamento e expansão do sistema do capital, e dela resulta à classe trabalhadora, o ônus da acumulação de pobreza, miséria, entre outras expressões da chamada “questão social”. “A expressão surge para dar conta do fenômeno mais evidente da história da Europa Ocidental que experimentava os impactos da primeira onda industrializante, iniciada na Inglaterra no último quartel do século XVIII: trata-se do fenômeno do pauperismo” (Netto, 2001, p. 42).

Desta feita, “se pode configurar a questão social a partir da articulação entre os determinantes essenciais da acumulação capitalista, a reação dos trabalhadores através da luta de classes contra a exploração e as respostas do Estado no sentido de conservação da sociedade e na contenção dos conflitos sociais” (Costa, 2010, p. 3). Assim, a “questão social” conforma-se mediante a base material/econômica da lei geral da acumulação capitalista, o aspecto político da luta de classes e o amadurecimento da classe trabalhadora, bem como através das respostas do Estado mediante tal correlação de forças. Esta suscita o acirramento da exploração sobre a classe trabalhadora e a emergência desta, enquanto *classe para si*, a partir dos acontecimentos pós-1848.

“A análise de conjunto que Marx oferece n’*O Capital* revela, luminosamente, que a “questão social” está elementarmente determinada pelo traço próprio e peculiar da relação



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

capital/trabalho – a exploração” (Netto, 2001, p. 45). O modo de produção capitalista vende frações de vida dos seres humanos devido à sua necessidade fulcral de extração da mais-valor. Esta lógica impele o processo constitutivo da “questão social”, pois esta não se expressa num pauperismo devido à escassez, conforme ocorria nas épocas anteriores ao capitalismo. Tal fato denota um fenômeno novo, a pobreza especificamente capitalista.

Com efeito, se não era inédita a desigualdade entre as várias camadas sociais, se vinha de muito longe a polarização entre ricos e pobres, se era antiquíssima a diferente apropriação e fruição dos bens sociais, era radicalmente nova a dinâmica da pobreza que então se generalizava. [...] Pela primeira vez na história registrada, *a pobreza crescia na razão direta em que aumentava a capacidade social de produzir riquezas*. [...] Se nas formas de sociedade precedentes à sociedade burguesa, a pobreza estava ligada a um quadro geral de escassez [...], agora ela se mostrava conectada a um quadro geral tendente a reduzir com força a situação de escassez. Numa palavra, a pobreza acentuada e generalizada no primeiro terço do século XIX — *o pauperismo* — aparecia como nova precisamente porque ela se produzia pelas mesmas condições que propiciavam os supostos, no plano imediato, da sua redução e, no limite, da sua supressão (Netto, 2001, p. 42-43, itálicos do autor).

O capitalismo, portanto, produz necessariamente a escassez ao retirar sua riqueza da extração incontrolável de trabalho alheio para a obtenção de mais-valor (Marx, 2017). Dada a base material da “questão social”, esta expressão “relaciona-se diretamente aos seus desdobramentos sócio-políticos. [...] Foi a partir da perspectiva efetiva de uma eversão da ordem burguesa que o pauperismo designou-se como “questão social” (Netto, 2001, p. 43). A primeira manifestação teórica do pensamento revolucionário contraditório à burguesia encontra-se no Manifesto do Partido Comunista (1848), escrito por Karl Marx e Friedrich Engels, síntese do momento histórico de erguimento da classe trabalhadora como *classe para si*.

A expressão “questão social” é utilizada a princípio pelo pensamento conservador com o intuito de naturalizar suas expressões como a fome, pobreza, desemprego, tratando-as como “características inelimináveis de toda e qualquer ordem social”(Netto, 2001, p. 44), em que o seu enfrentamento deveria ser realizado através de uma “reforma moral do homem e da sociedade” (ibid.), resultando no combate às “manifestações da “questão social” sem tocar nos fundamentos da sociedade burguesa” (ibid.). Os acontecimentos sócio-políticos de 1848 metamorfoseiam a expressão “questão social” em que esta é elucidada como característica do capitalismo.

[...] 1848, trazendo à luz o caráter antagônico dos interesses sociais das classes fundamentais, acarretou a dissolução do ideário formulado pelo *utopismo*. [...] uma das resultantes de 1848 foi a passagem, em nível histórico-universal, do proletariado da condição de classe em si a classe para si. As vanguardas trabalhadoras acederam, no seu processo de luta, à consciência política de que a “questão social” está necessariamente colada à sociedade burguesa: somente a supressão desta conduz à supressão daquela



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

(ibid., p. 44-45).

No marco da Revolução Francesa e da Revolução industrial (séculos XVIII e XIX, respectivamente), com a subsunção real do trabalho ao capital, em que o trabalhador é metamorfoseado num “apêndice da máquina” (Marx, 2017), o modo de produção capitalista se estabelece sob a lógica da extração de mais-valor e da acumulação capitalista que degradam a vida da classe trabalhadora. “[...] não se está designado como “questão social” a desigualdade e a pobreza indistintamente e sim aquelas que têm sua existência fundada pelo modo de produção capitalista” (Santos, 2012, p. 28). Assim, “[...] O desenvolvimento capitalista produz, compulsoriamente, a “questão social” – diferentes estágios capitalistas produzem diferentes manifestações da “questão social”(Netto, 2001, p. 45).

[...] todos os métodos de produção de mais-valor são, ao mesmo tempo, métodos de acumulação, e toda expansão da acumulação se torna, em contrapartida, um meio para o desenvolvimento desses métodos. Segue-se, portanto, que à medida que o capital é acumulado, a situação do trabalhador, seja sua remuneração alta ou baixa, tem de piorar. Por último, a lei que mantém a superpopulação relativa ou o exército industrial de reserva em constante equilíbrio com o volume e o vigor da acumulação prende o trabalhador ao capital mais firmemente que as correntes de Hefesto prendiam Prometeu ao rochedo. Ela ocasiona uma acumulação de miséria correspondente à acumulação de capital. Portanto, a acumulação de riqueza num polo é, ao mesmo tempo, a acumulação da miséria, o suplício do trabalho, a escravidão, a ignorância, a brutalização e a degradação moral do polo oposto, isto é, do lado da classe que produz seu próprio produto como capital (Marx, 2017, p. 720 e 721).

O modo de produção capitalista, desta feita, é responsável pelo surgimento da “questão social”, bem como pelos seus posteriores desdobramentos. Tal fato é cristalinamente constatado pela literatura crítica do Serviço Social em articulação com a análise da letra marxiana e da tradição marxista. Os métodos de acumulação do capital são essencialmente exploradores e desumanizadores da classe trabalhadora, onde esta é transformada em mercadoria, ao tempo em que a mercadoria ganha *status* de humanidade. Em continuidade, trataremos da particular forma de manifestação da “questão social” na realidade brasileira.

3 PARTICULARIDADES DA “QUESTÃO SOCIAL” NO BRASIL

Para avançarmos na pesquisa sobre a “questão social” brasileira, partimos do fato de que tal categoria se complexifica de diversas formas no capitalismo. O desenvolvimento capitalista,



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

junto à tendência fulcral da acumulação de capital ligada à exponenciação da pobreza e da miséria, denota traços distintos em cada formação sócio-histórica. Ao tratarmos do Brasil, os caracteres de seu desenvolvimento remontam particularidades do país, tais como o seu caráter dependente e colonizado, bem como a divisão sexual e racial do trabalho (Costa; Rafael, 2021).

Logo, as expressões da “questão social” que se manifestam nos países europeus, bem como em outras localidades do globo, se manifestam de maneira distinta, até certo ponto, das mazelas que se exprimem em solo brasileiro. O que há em comum entre todos os países é a exploração do trabalho. A diferenciação consiste em como essa exploração é realizada.

Marx (2017) trata sobre o processo de conformação do capitalismo especialmente nos capítulos 24 e 25 do Livro I d'O Capital. Ao versar sobre a acumulação primitiva do capital e a teoria moderna da colonização, a letra marxiana desvela as formas de expropriação e subjugação da classe trabalhadora nascente tanto na Europa, como também por meio do processo colonizatório, nas demais partes do mundo. A colonização, portanto, é um elemento crucial do desenvolvimento capitalista, porquanto possibilita a transformação do mundo em propriedade privada burguesa e todas as relações de produção passam a servir à extração de mais-valor.

O Brasil, desde a invasão colonial, também é subjugado pelo sistema do capital, este se utiliza do trabalho escravizado à acumulação anômala do capital, o que possibilitou a extração do mais-valor absoluto nas colônias, visto que possuíam um baixo desenvolvimento das forças produtivas. A empresa colonizadora está incrustada na formação social brasileira (Santos Neto, 2015).

Tal fato denota o racismo estrutural como integrante nodal da história do Brasil. Raça e racismo são categorias históricas e relacionais que brotam desde a acumulação primitiva do capital. Ao chegarem ao Brasil, ou nas demais terras ameríndias, os colonizadores se deparam com um modo de produção, bem como com pessoas completamente distintas. As diferenças fenotípicas dos europeus (brancos) com os demais povos foram utilizadas como artimanha dos primeiros para desumanizar e explorar os povos autóctones, visto que passaram a conferir uma raça a estes, enquanto o europeu seria uma espécie de não-raça, ou um ser humano universal (Almeida, 2018). A escravidão moderna, portanto, impõe o racismo estrutural como uma lastimável marca à sociedade brasileira.

Sendo assim, a escravidão realizada nas colônias é designada como “escravidão capitalista colonial”. O desenvolvimento capitalista no Brasil gerou o que hoje denominamos de latifúndio moderno, com o predomínio de ricas famílias rurais que dominaram quase que



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

exclusivamente o poder econômico e político, caracterizando uma sociedade conservadora e patrimonialista, com um caráter de dependência econômica e ideológica da classe dominante brasileira em relação aos países de capitalismo central (Mazzeo, 1988).

Além disso, o patriarcado também se configura como parte crucial da formação do Brasil, em que a exploração aliada à dominação da vida das mulheres, permite que a sua exploração incessantemente na produção e reprodução da vida social. No caso das mulheres negras ou racializadas, temos a demonstração da tentativa mais funesta de desumanização de suas vidas, mediante a aliança mortal entre capitalismo, racismo e patriarcado (Davis, 2016).

A classe trabalhadora brasileira é estruturalmente determinada pelos processos acima mencionados. Aqui, o racismo estrutural se configura como uma expressão da “questão social” (Gonçalves, 2018) porque a sociabilidade burguesa utiliza-o para intensificar a extração de mais-valor sobre parte expressiva da classe trabalhadora. Na particularidade brasileira, a generalização do trabalho livre e a chegada da imigração europeia para suprir os postos de trabalho formais, relegou a população negra a ocupar uma grande franja marginal da superpopulação relativa. Como consequência disso persiste o rebaixamento do salário das pessoas negras (Moura, 1983).

Iamamoto e Carvalho remontam a “questão social” no Brasil, afirmando a constituição a “questão social” brasileira a partir do século XX, especialmente nos anos 30 com a intensificação da luta de classes e o início a intervenção do Estado sobre as expressões da “questão social”. Porém, com a continuidade das investigações, concordamos com a tese de que a “questão social” é gestada no Brasil desde a escravatura, configurando-se como latente nesse período, somente vindo à tona no início do século XX (Silva, 2014).

A exploração do capital sobre o trabalho, portanto, adquire diversas nuances na sociedade brasileira. A investigação da “questão social” no Brasil recebe uma intensa contribuição do Serviço Social, cristalizada na Revista *Temporalis* de 2001, com textos de Marilda Vilela Iamamoto, José Paulo Netto, Carmelita Yazbek e Potyara Pereira. Em 2021, a mesma revista lança um número específico sobre a “questão social” no Brasil. Neste, Yazbek (2021) deslinda sobre as particularidades brasileiras contemporâneas sob a crise estrutural do capital e o acirramento do capital financeiro. Afirma a necessidade da permanente investigação acerca da questão racial no Brasil como integrante nodal da “questão social” brasileira (Gonçalves, 2018).

Ademais, a publicação de textos como *Questão social e sua particularidade no Brasil: imbricação entre patriarcado-racismo-capitalismo*, de Renata Costa e Josiley Rafael, bem como o



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

escrito *Dialética da questão social e a unidade classe, gênero e raça*, de Carla Ferreira e Gustavo Fagundes, significam uma pormenorização da “questão social” na particularidade brasileira. Alia-se o estudo marxista à dialética entre classe, raça e gênero presente no contexto brasileiro e determinante para desvelar a “questão social” no país.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gênese da “questão social” está incrustada ao surgimento do modo de produção capitalista. Ao situarmo-nos na particularidade brasileira, nota-se que o surgimento desta categoria remonta o processo de acumulação primitiva do capital e colonização, em consonância com a tese de que a “questão social” brasileira é gestada no Brasil desde a escravidão moderna (Silva, 2014).

As investigações mencionadas partem da letra marxiana e da tradição marxista, para elucidar as especificidades da extração de mais-valor nos países dependentes e colonizados como o Brasil. Ademais, tais pesquisas visam dirimir os apontamentos de que gênero e raça se encontram num campo de opressões secundárias em relação ao modo de produção capitalista. Evidencia-se como o capitalismo se utiliza desses mecanismos como rebaixador do valor da força de trabalho, o que acarreta, para tal parte da classe trabalhadora, a intensificação das expressões da “questão social”.

Os dados da realidade denunciam as consequências da “questão social” hodiernamente para a classe trabalhadora brasileira. Demonstra-se que a base da estrutura salarial brasileira é pautada preponderantemente pela questão racial, em que homens e mulheres negras recebem salários mais baixos que pessoas brancas (Costa; Rafael, 2021).

Hoje, o Brasil se encontra com a taxa de desemprego em 7,8%, junto a isso, a taxa de subutilização da força de trabalho está em 17,3% e os desalentados conformam 1,63%. Isso significa que, no Brasil de 2024, há 26,33% da população sem ocupação ou subocupada, ao tempo em que a informalidade cresce para 11,89%. Ademais, mulheres e pessoas negras ocupam lugar de proeminência na desocupação. Para as mulheres, a taxa de desemprego é 10,8%, enquanto que para os homens é 7,8%. No quesito raça, 21,4% das pessoas negras (pretas e pardas) estão desempregadas, já os brancos constituem 6,8% (PNAD/IBGE, 2023).

Os dados mencionados indicam as particularidades do desemprego no Brasil, em que se salienta a feminização do trabalho (Nogueira, 2004) e o racismo estrutural (Almeida, 2018) como



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

componentes essenciais da tendência à precarização do trabalho (Antunes, 2018). Além disso, o crescimento dos postos de trabalho informais no Brasil remonta o processo de uberização, este requer o trabalhador *just in time*, polivalente e precarizado pela exploração capitalista (Abílio, 2021).

Focamos no desemprego como um das expressões da “questão social” brasileira, para exemplificar as particularidades da exploração da força de trabalho no Brasil. A classe trabalhadora tem cor e gênero e sofre as consequências da acumulação de capital e da extração de mais-valor no modo de produção capitalista. Ademais, a crise estrutural do capital (Mészáros, 2002) junto ao acirramento do capital financeiro representam uma ofensiva burguesa à classe trabalhadora, com a retração e desfinanciamento das políticas sociais, assim como com a capitalização do fundo público, usurpado pelo sistema do capital (Salvador, 2010).

A “questão social” de hoje é a mesma que surge junto à gênese do capitalismo. A diferença essencial consiste em que suas manifestações se complexificam em cada momento histórico, bem como diante das condições histórico-sociais de cada país no contexto da mundialização do capital. Nesse sentido, o escravismo, a colonização, o racismo estrutural e o patriarcado exercem papel determinante na constituição da classe trabalhadora brasileira e também nas expressões da “questão social” que a atinge. Somente a eversão da ordem burguesa pode elidir os óbices capitalistas à classe trabalhadora.

Referências

ABÍLIO, L. Uberização, autogerenciamento e governo da viração. **Revista Margem Esquerda**, São Paulo: Boitempo, n. 36, jan./jun.2021.

ALMEIDA, S. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão:** o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo:Boitempo Editorial, 2018.

Cadernos ABESS, São Paulo: Cortez, nº6, 1993. Reforma do Ensino Superior e Serviço Social. **Revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social – ABEPESS**. Disponível em:
https://www.abepss.org.br/arquivos/textos/documento_201603311138166377210.pdf Acesso em 7 mar. 2024.

COSTA, G. Crise capitalista e questão social na contemporaneidade. **Revista da RET (Rede de Estudos do Trabalho)**. Ano III. N. 6. 2010.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

COSTA, R. G. da, & CARRIJO Rafael, J.. Questão social e sua particularidade no Brasil: imbricação entre patriarcado-racismo-capitalismo. **Temporalis**, 21(42), 77–93.
<https://doi.org/10.22422/temporalis.2021v21n42p77-93>

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

FERREIRA, C., & FAGUNDES, G.. Dialética da questão social e a unidade classe, gênero e raça. **Temporalis**, 21(42), 62–76. 2021 <https://doi.org/10.22422/temporalis.2021v21n42p62-76>

GONÇALVES, R. Quando a questão racial é o nó da questão social. **Katálisis**. Florianópolis, v. 21, n.3, p.514-522, set./dez. 2018.

IAMAMOTO, M. CARVALHO, R. **Relações sociais e Serviço Social no Brasil**: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1983. 380 p.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo** - Diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. 2. ed. Livro I. São Paulo: Boitempo. 2017.

MARX, K. ENGELS, F.. **Manifesto do Partido Comunista**, 1848. Porto Alegre: L&PM, 2009.

MAZZEO, A. **Burguesia e capitalismo no Brasil**. Editora Atica, 1988.

MÉSZÁROS, I. **Para Além do Capital**: rumo a uma teoria da transição. 1 ed. São Paulo:Boitempo, 2002.

MONTAÑO, C. **A natureza do Serviço Social**: um ensaio sobre sua gênese, a "especificidade" e sua reprodução. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MOURA, C. **Brasil**: raízes do protesto negro. São Paulo: Global, 1983.

NETTO, J. P.. Cinco notas a propósito da questão social. **Temporalis**. Revista da ABEPSS, Brasília, v. 2, n. 3, 2001.

_____. **Ditadura e serviço social**: uma análise do serviço social no Brasil pós 64. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

_____. **Capitalismo Monopolista e Serviço Social**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

NOGUEIRA, C. **A Feminização no Mundo do Trabalho**: Entre a Emancipação e a Precarização. Campinas: Editores Associados, 2004.

SALVADOR, E. **Fundo público e seguridade social no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, J. **“Questão Social”**: particularidades no Brasil - São Paulo: Cortez, 2012. - Coleção



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

biblioteca básica do Serviço Social; v. 6.

SANTOS, D. **Ética e Serviço Social**: um estudo introdutório a partir de György Lukács. Campinas: Papel Social, 2018.

SANTOS NETO, A. **Capital e trabalho na formação econômica do Brasil**. São Paulo: Instituto Lukács, 2015.

SILVA, I. **Questão Social e Serviço Social no Brasil**: fundamentos sócio-históricos. 2. ed. Campinas: Papel Social, 2014.

YAZBEK, M. C.. Expressões da questão social brasileira em tempos de devastação do trabalho. **Temporalis**, 21(42), 16–30. <https://doi.org/10.22422/temporalis.2021v21n42p16-30>